

# MOÇAMBIQUE À PROCURA DE SUA IDENTIDADE

Divulgamos o texto da **Irmã Lourdes Peleve**, religiosa negra, moçambicana. Ela o preparou para uma reunião dos padres, religiosos e religiosas negros de Moçambique, realizada em agosto de 1974. Essa reunião situa-se na seqüência de outras, iniciadas já há três anos, e teve a participação da maioria dos sacerdotes, religiosos e religiosas negros de Moçambique. Os grifos são da autora.

## I — A procura da nossa identidade

Temos ouvido várias vezes apreciações e críticas sobre a nossa maneira de ser e de agir. Os nossos irmãos não negros chamam-nos misteriosos, acanhados, tãcanhos (sem espírito de iniciativa), indiferentes. Isto, normalmente, porque alguns de nós — raras exceções — somos chamados de atrevidos, cusados, rufiões e outros tantos adjetivos apreciativos e depreciativos, segundo o modo de pensar de quem nos julga. E nós? Que dizemos de nós mesmos? A principal finalidade

desta nossa reunião, a meu ver, deve incidir, sobretudo, no esforço que todos e cada um de nós deve fazer por se conhecer séria e profundamente. A carta que a comissão organizadora deste Encontro enviou aos Superiores Religiosos das nossas Comunidades diz textualmente **queremos redescobrir-nos** para nos darmos imagem real daquilo que somos para que as nossas relações futuras se baseiem na verdade e sejam realistas. O interesse é de todos nós e da Igreja.

Ora bem: a primeira constatação que fazemos de nós mesmos é esta: “Nós so-

mos homens e mulheres cheios de complexos". Certas frases, gestos e atitudes demonstram-no à sobra mesmo que, por vezes, tentemos disfarçar a realidade com mito de "humildade", de "simplicidade" e de "pobreza": eu não sei... eu não posso, sou incapaz... escolham outro... ainda é cedo demais para ocupar esse cargo... ainda não estamos preparados... Se esperamos 500 anos podemos esperar mais... A isto poderia acrescentar a atitude ridícula e a triste figura que nós fazemos quando dizemos "não saber falar a nossa língua materna"; quando nos envergonhamos da nossa cultura, dos nossos valores tradicionais: música, costumes, comida, danças, etc.

Posso concluir, sem receio de ser desmentida, que há em nós **complexos de inferioridade**.

## II — Examinemos agora, e brevemente, as causas do complexo.

O complexo foi-nos causado pela desvalorização de tudo aquilo que é nosso, do desprezo com que, geralmente, ouvíamos falar e tratar dos nossos valores. Os estrangeiros, sobretudo os estrangeiros portugueses, apresentaram-se sempre diante de nós como os únicos detentores da sabedoria, da cultura, e "de tudo o que era bom". A supremacia da raça tudo justificava e tudo permitia até os piores atropelos à justiça, à equidade e ao respeito pela dignidade da pessoa humana, independentemente da cor da sua pele. O "branco" significava: autoridade, dinheiro, mando, e quase sempre, auto-

ritarismo. Julgava-se "superior" pois parecia ter o monopólio da autoridade. Como consequência lógica, o "preto" sentia-se com dever e obrigação de ser submisso, respeitador e cumpridor das ordens. E a única ou quase única motivação dessa atitude era o fato de o "outro" pertencer a uma raça julgada superior.

Só os brancos tinham direitos de dar largas às suas iniciativas; só eles eram capazes de assumir responsabilidades e levá-las a bom termo; só eles eram capazes para uma realização de trabalhos de confiança e grandes empreendimentos. Poderia resumir as causas dos complexos que existem em nós em várias categorias a que chamaria "condicionamentos".

1. **Condicionamento sócio-político** — Socialmente, o negro Moçambicano viveu sempre na total sujeição e submissão à vontade e ao capricho autoritário do colonizador. Este servia-se de tudo para exercer a sua autoridade domínio: escola, trabalho, habitação e, até mesmo, a religião como abaixo veremos. Socialmente, o negro era de "classe inferior" chamado com desdém "indígena", sinónimo do homem sem direitos, mas, apenas com deveres e obrigações. Socialmente o negro não era bem aceito, os seus trabalhos não eram apreciados. Sofria os maus tratos, a repressão, a desconfiança e a desigualdade.

A política anterior ao dia 25 de abril, tendia a colonizar o negro ao máximo. O negro não tinha liberdade de ação nem de expressão. O autoritarismo do domi-

nador que violentava as suas justas e legítimas aspirações.

2. **Condicionamento econômico** — A situação econômica do negro criava-lhe necessariamente uma situação e condição de inferioridade. A miséria quase habitual do homem negro reduzia-o à infima espécie, fazendo dele “joguete” de quem detinha o poderio econômico. Cada um de nós — sacerdotes e religiosos aqui presentes — sabemos perfeitmente o que os nossos pais sofreram e em que ambiente de miséria, de pobreza, fomos criados, não tanto porque os nossos queridos pais fossem “preguiçosos”, “bêbados” ou “cheio de vícios” como a linguagem colonialista afirmava, como que para tranquilizar a consciência agitada por tão clamorosa situação de injustiça mas porque a cor da pele determinava o quociente salarial e não a capacidade produtiva nem a competência profissional.

3. **Condicionamento religioso** — O que se passava na sociedade laica verificava-se no campo religioso devido à inter-relação entre o sócio-político, econômico e o religioso. Os nossos missionários — estrangeiros, inclusive os portugueses — ficam demasiadamente ofendidos quando fazemos certos reparos ao seu modo de trabalhar; chamam-nos ingratos, mal agradecidos — porque nos foram buscar à palhoça e nos ensinaram a dormir na cama e a comer com o garfo — isto obrigar-nos-ia em consciência a chamar “certo” o que esteve e continuava a estar errado na maneira como eles procedem no trato com o ho-

mem negro. Que trato se dava é se continua a dar ainda hoje ao negro em muitas Missões e internatos de Moçambique? Despersonalizou-se a pessoa, criando-lhe uma aversão e um repúdio de si mesmo e do que é “dele”, tentou-se desesperadamente incutir-lhe na alma e no espírito sentimentos patrióticos para com uma Pátria que não era sua.

O colonialismo atingiu a obra missionária nacionalizando-a com a assinatura do acordo Missionário e Estatuto Missionário. “**Fazer bons portugueses**”, fazer bons patriotas submissos, obedientes que, com temor religioso obedecessem aos **patrões**.

Quem de nós se não lembra ainda daqueles “lugares reservados aos europeus” nas Igrejas? Do nosso irmão negro que era empurrado e tirado dos bancos e genuflexórios para dar lugar ao “branco”? Sujeição da maioria à língua, mentalidade e cultura da minoria só por esta ter uma detreminada pigmentação? E os Seminários? Os Noviciados? Escolas especializadas de alienação, de humilhação, e de despersonalização! Troçava-se da nossa miséria e pobreza — provocada por eles... Dizia-se que não tínhamos vocação à vida sacerdotal e religiosa... O que nós queríamos nos Seminários e nos Noviciados era **comer e dormir na cama**, coisas que, infelizmente, não tínhamos em nossa casa. Excluíam-se Seminaristas e aspirantes sem motivos sérios nem graves... Quantos apelos à obediência, à submissão e não à discussão das ordens dos Superiores! E não quero falar da exclusão total do que era nos-

so: língua, costumes e tradição! Mesmo após a Ordem Sacerdotal e a Profissão Religiosa a situação real não era muito diferente da do tempo de formação. Quase tudo o que nos dizia respeito era considerado como “perigoso” e “desprezível” e nós negros chegávamos a convencer-mo-nos disso. Os nossos formadores queriam-nos “à sua imagem e semelhança”, apenas nos **deveres e obrigações**, não nos direitos.

### III — Conseqüências

#### a) Na convivência.

1 — Com os estrangeiros portugueses: sentíamos mais força de domínio, porque estes mais do que os outros estavam muito influenciados pela política antes do 25 de abril. Junto deles nós nos sentíamos pequenos, quase amesquinhadados. Para eles não passávamos de meninos, de impossibilitados; por isso, nunca pensaram em nomear uma Superiora negra. É verdade que há já alguns Padres negros nomeados Superiores das Missões mas Deus sabe com que receios eles foram nomeados. Andavam atrás para ver se realmente eram competentes, responsáveis e comprometidos na sua Missão. Portanto, em relação a nós, eram paternalistas, manifestavam zelo protetor em tudo. Víamos neles os autênticos dominadores e colonizadores, o que tornava as nossas relações com eles sempre tensas. Tínhamos que viver como eles, assimilando a sua mentalidade, o que implicava pôr de lado a nossa mentalidade com todas as suas riquezas.

2 — Convivência com os nossos: inibidos de apreciar os nossos valores, punhamos de lado ou até chegávamos a desprezá-los. Alguns de entre nós, já ocidentalizados, agíamos como tal, esquecendo a negritude com a sua específica linguagem; apresentavamo-nos diante dos nossos como pessoas europeizadas, nem ocidentais nem orientais, diríamos que, para eles, nós éramos uns desenraizados e, por vezes, um tanto ridículos quando, por gestos e palavras dávamos a entender que não somos “tão pretos” como eles... “Iava se i valungu”, “inge vaha ka hine” dizia o povo em tom de desânimo e admiração.

#### b) Na pastoral.

O padre negro e a irmã ou o irmão negros ocidentalizados levavam para a Pastoral a mentalidade ocidental e tentavam evangelizar com os modos, a linguagem... toda do Ocidente não se tendo em conta o povo, formado por negros, que exigia uma Pastoral toda especial. O padre negro neste aspecto até chegava a ter modos poucos delicados com os seus irmãos de raça. O padre não tinha culpa, imitava inconscientemente os seus formadores. Por causa disto, o padre negro não era por vezes bem aceito e a Pastoral, a pouco e pouco, ia declinando, e ele, com isto, desanimava sentindo ao vivo a sua incapacidade.

### IV — Esforçar-se por ser o que se é.

O quadro, talvez demasiado pessimista e dramático, que acabei de vos apresen-

tar teve as duas causas como acima vimos. Não estamos para condenar ninguém; não queremos tampouco, pintar, a negro, o painel da atividade missionária. Os nossos missionários e formadores eram filhos da Igreja, sim, mas não há dúvida que como portugueses, defendiam os interesses a terra deles. É lógico. O que é menos lógico e incompreensível é o fato de nós lhes imitarmos o exemplo de amor à nossa terra que é Moçambique e não Portugal com todos os seus valores, cultura, mentalidade, isto é: somos Moçambicanos na verdadeira acepção da palavra. Antes do 25 de abril poder-nos-íamos desculpar com a situação política colonialista vigente em Moçambique. Devemos confessar sinceramente, que nessa altura era necessário ser-se corajoso e **lúcido** e com certa vocação ao martírio para resistir e reagir contra o processo de **"Portugalização"** que, ao fim e ao cabo, era a ruína daquilo que, por natureza, somos: negros Moçambicanos. Estou até convencida que será a partir desta realidade bem vincada em cada um de nós que conseguiremos viver em autenticidade, a nossa consagração batismal e a nossa doação ao Senhor e aos **irmãos**, como sacerdotes e como religiosas.

Nesta hora, em que politicamente, Moçambique ressurge para ocupar o lugar que lhe compete no contexto das Nações. impõe-se o dever e obrigação de dar uma nova dimensão à nossa vida, à nossa consagração e à nossa presença no mundo e na Igreja.

Neste esforço de autenticidade há umas linhas de rumo a respeitar.

1 — **Nós somos negros Moçambicanos:** filhos de Moçambique que caminha para a sua libertação. Não podemos esquecer que, como tais, temos obrigações de dar o nosso contributo positivo para a construção da nossa terra. Amemos a nossa terra, vivamos os seus problemas, conheçamos a sua história, a sua cultura e sejamos úteis como homens e como cidadãos.

2 — **Nós somos cristãos negros Moçambicanos:** o Papa Paulo VI, na sua famosa alocução em Kampala, deu-nos uma linha de orientação pastoral: "Vós, os africanos, sois já os vossos próprios Missionários; ao impulso da fé recebida de ação Missionária dos países estrangeiros há de **unir-se e suceder o impulso que nasce de dentro, da África**". . . Mas um dia virá em que deixaremos de chamar (Missionário) em sentido técnico ao vosso apostolado **nativo, indígena, nosso!** O Cardeal Malula, numa conferência intitulada "Africanizar o Cristianismo" refere-se a este problema da seguinte maneira: O nosso projeto tem um só escopo: **"favorecer o crescimento de uma Igreja local, autenticamente negro-africana"**. Entre os meios naturais que estão à nossa disposição para estabelecer a Igreja local, é oportuno recordar, antes de mais, como objetivo prioritário, a **"africanização"**. Ontem os Missionários cristianizaram a África; hoje, os negros estão para africanizar o cristianismo: "a África deve ter a sua própria teologia, filosofia,

liturgia, e certos pontos próprios da disciplina eclesiástica”. Esta é uma tarefa difícil e de grande envergadura; precisamos de anos, já o sabemos. Sabemos, também, que tal trabalho requer a mobilização de todas as energias intelectuais e a movimentação de todas as nossas emoções criadoras negro-africanas. Não se trata por isso de uma coisa para amanhã ou para depois de amanhã. É um programa de vida.

Esta passagem — continua o citado Cardeal — é tanto mais necessária quando os missionários estrangeiros, não obstante a sua boa vontade, encontram numerosas dificuldades em compreender a alma do povo, a sua mentalidade, os seus costumes, a sua religiosidade”...

... E nós, os Moçambicanos estamos mais predispostos para adaptarmos a evangelização à índole do nosso povo. Isto não significa que os Missionários libertos desses encargos se devam ir embora. Não se pode conceber a sua partida de regiões ainda não cristianizadas; não deveriam abandonar sua Missão enquanto a Igreja aí não estivesse suficientemente fundada.

Vencendo todas as barreiras, o colonialismo, e fiéis à nossa vocação de consagrados devemos dar uma forma nova ao nosso trabalho. Devemos “**Moçambicanizar**” o nosso apostolado. O Cardeal Malula indica-nos a pista ao afirmar que o lugar da religiosa Zaireense (e no nosso caso Moçambique) já não é no isolamen-

to dos seus irmãos, e nem sequer nos enormes conventos onde ela se perde num anonimato. Chegou a hora na qual as religiosas Moçambicanas devem inventar outro modo de presença; uma presença talvez mais exigente no que se refere à sua vida de união com Deus, mas também mais evangélica no meio dos seus irmãos dividindo a vida do povo no qual foram chamadas e para o qual hoje são enviadas. Trata-se sempre disto: “estão lá, viver com e para os seus irmãos, em espírito de serviço e de total disponibilidade” — isto para glória de Deus e salvação do seu povo que está em Moçambique.

Há todo um processo de (conscientização) de re-estruturação, de repensamento e de conversão. É um trabalho duro, penoso e cheio de riscos, mas é necessário, inadiável. Estamos sendo ultrapassados no plano civil e político. Moçambique pede a todos os seus filhos que saiam da inércia, comodismo e da rotina e ensaiem uma nova vida.

Os missionários estrangeiros viveram e habitaram a nossa terra para aqui prepararem a formação das Igrejas locais. Sacrificaram-se corpo e alma, para a formação dessas Igrejas, este era o seu ideal. Agora, toca-nos a nós, com a graça de Deus, fazer que este ideal se torne em realidade. Vençamos o complexo da “solidão”, da “mesquinhez”, de “paternalismo” e de “sujeicionismo”. Meditemos estas palavras dum grande chefe de Estado — Nyerere — da Tanzania: ‘Os membros da Igreja devem trabalhar com

o povo: é importante sublinhar o trabalho **com**, não o trabalho **para**. Porque a tarefa dos dirigentes religiosos não consiste em dizer ao povo que deve fazer, mas em partilhar com ele o seu trabalho em igualdade e em comunidade. Para contribuir para o desenvolvimento do povo, tem partilhar o seu trabalho, privações, acontecimentos e perseguições. Este é o pleno significado do "ser membros uns dos outros". Porque se a Igreja não toma parte na nossa pobreza, nem participa na nossa luta contra a pobreza e a injustiça, então não é parte de nós" (Neyerere). O programa de reajustamento e renovação é freqüente e urgente, pois temos sobre os ombros uma pesada herança de (complexos) que não se destruirão de um dia para outro. No entanto acho justo fazer, neste momento, um apelo à serenidade, à reflexão, à ponderação e que não nos mantenhemos imóveis sem coragem de começar... Acautelemo-nos, porém, dos perigos que, facilmente se podem introduzir no nosso esforço de autenticidade e combate ao complexo, como natural reação contrária.

**Ao complexo de inferioridade** pode nascer em nós um complexo de superioridade, por sermos negros, filhos da terra, como se isso nos desse jus a sermos "infalíveis". Não sejamos nós agora a evocar a cor da pele como jus a tudo o que há de melhor... Acautelemo-nos de não nos deixarmos seduzir pela tentação do dinheiro e da riqueza, pois nesse momento, cairemos no erro que apontamos aos nossos colonizadores.

Encaremos a mentalidade dos nossos irmãos aproveitando os elementos do Verbo latentes e que devem ser base para uma séria e profunda evangelização. Do contrário cairíamos na mesma falha cometida anteriormente.

Estejamos atentos, pois o processo de "luta contra o complexo" tem também os seus perigos e contra-ataques.

### **C O N C L U S Ã O :**

Já me alonguei e peço desculpas e permiti-me somente, que como conclusão diga:

a) Procuremos cultivar a personalidade nas nossas atividades; as nossas palavras e a nossa vida deviam ser o retrato do que somos... Quanto à responsabilidade, devemos tirar o medo e o complexo de incapacidade. Se nos responsabilizam em alguma coisa, devíamo-nos empenhar de tal sorte que essa coisa chegasse a bom termo. Devemos inventar novas formas, criar iniciativas, não nos tornando meros executores das ordens dos Superiores.

b) Amemos e apreciemos a "negritude", a própria cultura, o próprio povo e os próprios valores. É verdade que estamos muito atrasados em relação ao conhecimento dos nossos valores... etc. Lamentamo-nos disso. Queremos, apesar de tudo, esforçarmo-nos por amar o pouco que conhecemos; procuremos conhecer a fundo e apreciar a negritude, convencendo-nos de que realmente somos negros. Co-

nheçamos a própria cultura através de cursos, de reuniões, e de livros. Conheçamos o nosso próprio povo a partir dele mesmo num pequeno mundo onde nos encontramos e os próprios valores, esses mesmos de que nos envergonhávamos há tempos.

c) Abertura e diálogo com estrangeiros em clima de igualdade: devemos procurar e até fazer esforços para dialogar com eles em clima de igualdade; que seja um diálogo de homem para homem, porque todos eles e nós — estamos empenhados numa mesma causa; implantação da Igreja em Moçambique.

d) Integração no nosso mundo Moçambicano: o domínio estrangeiro está caindo: uma nova nação se vai erguendo. Temos consciência de que tudo tende a mudar, que tudo vai-se adaptando. Para isto, temos que nos inteirar de tudo o que diz respeito a Moçambique sobretudo a sua evolução sócio-político-ecclesial. Não sejamos meros espectadores, mas ativos; somos nós que devemos construir o “Moçambique novo” e ele espera muito de nós. Mãos à obra.

e) Vivamos o nosso sacerdócio e a nossa consagração ao serviço do nosso povo e da Igreja local.

---